

BOLETIM DO LEITE

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP

Ano 12 - Nº147 - Outubro de 2006



CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO PERDE FÔLEGO

De maio a agosto, o volume captado aumentou quase 9%, enquanto que, no ano passado, o crescimento beirou 15%.

Mercado Externo

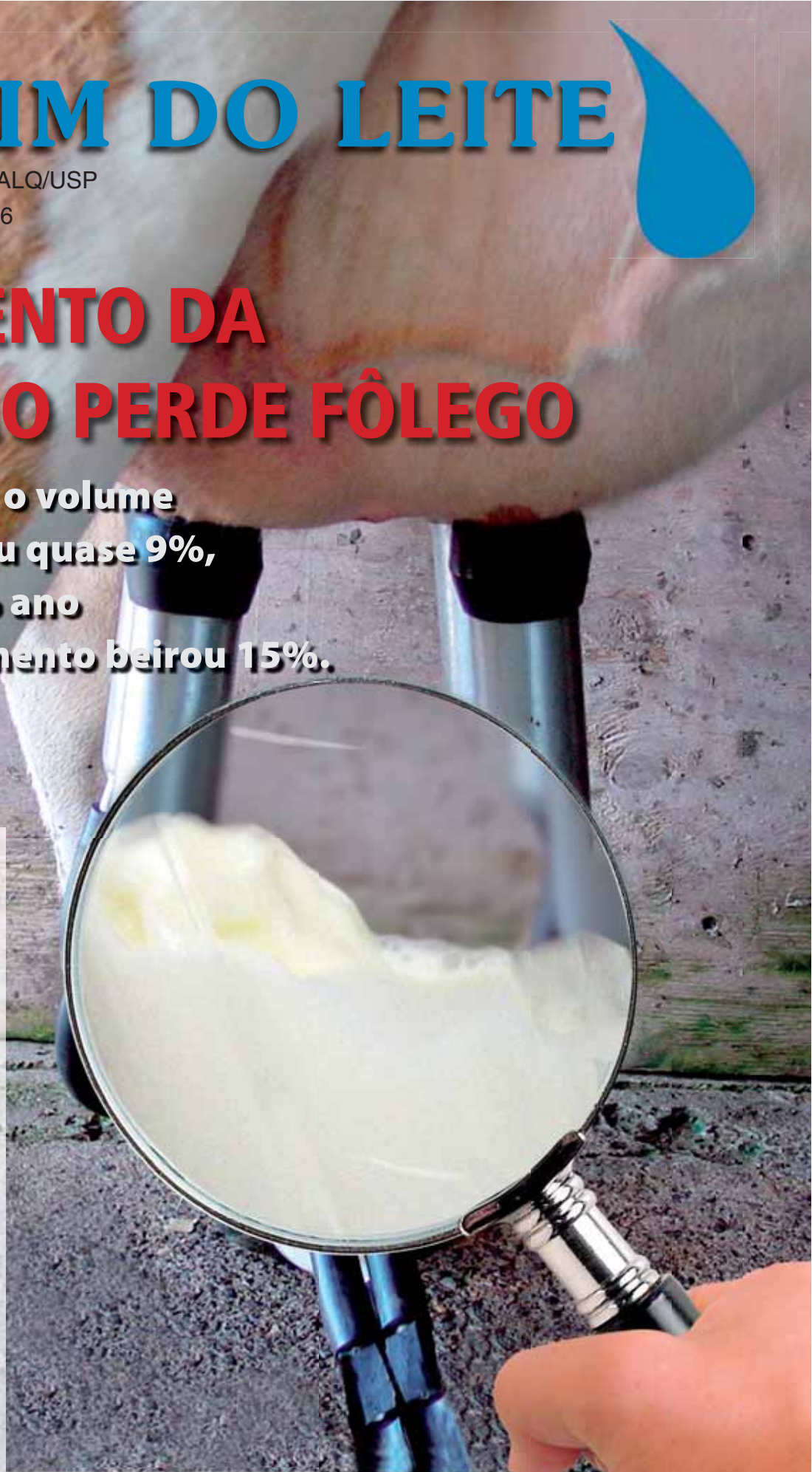
Leite ajuda a manter baixa a inflação.
Pág. 04

Qualidade do Leite

Desequilíbrio nutricional prejudica a qualidade do leite.
Pág. 05

Mercado de Insumos

Perspectivas de oferta de milho e farelo de soja são boas para produtor de leite.
Pág. 06 e 07



MERCADO DE LEITE

Ao PRODUTOR • SETEMBRO/06

PREÇOS SE SUSTENTAM EM SETEMBRO, AO CONTRÁRIO DA TENDÊNCIA HISTÓRICA

Na média dos sete estados pesquisados pelo Cepea, o preço pago pelos laticínios brasileiros em setembro permaneceu estável em relação ao mês anterior (ligeira queda de 0,14%), fechando em R\$ 0,5020/litro do leite tipo C – valor bruto, a descontar frete e 2,3% de CES-SR (ex-Funrural). O valor médio líquido,

Preços pagos em setembro/06 ao produtor referentes ao leite entregue em agosto/06 R\$/litro tipo C



Mesorregiões de Minas Gerais - MG

REGIÃO	PREÇO BRUTO ¹			PREÇO LÍQUIDO MÉDIO ²
	MÁXIMO	MÍNIMO	MÉDIO	
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	0,5425	0,4642	0,5139	0,4858
Sul/Sudoeste de Minas	0,5786	0,4382	0,5330	0,4953
Vale do Rio Doce	0,5311	0,4704	0,4896	0,4460
Média Estadual - MG	0,5515	0,4588	0,5128	0,4821



Mesorregiões de Santa Catarina - SC

REGIÃO	PREÇO BRUTO ¹			PREÇO LÍQUIDO MÉDIO ²
	MÁXIMO	MÍNIMO	MÉDIO	
Oeste Catarinense	0,4721	0,3773	0,4387	0,4009
Vale do Itajaí	0,5400	0,4100	0,4500	0,4200
Média Estadual - SC	0,4897	0,3853	0,4453	0,4064



Mesorregiões do Paraná - PR

REGIÃO	PREÇO BRUTO ¹			PREÇO LÍQUIDO MÉDIO ²
	MÁXIMO	MÍNIMO	MÉDIO	
Centro Oriental Paranaense	0,5504	0,4564	0,5189	0,4847
Oeste Paranaense	0,5398	0,4067	0,4570	0,4261
Norte Central Paranaense	0,5404	0,4135	0,4827	0,4367
Média Estadual - PR	0,5479	0,4324	0,4916	0,4530

ou seja, o recebido pelos produtores é de R\$ 0,4612/litro, com ligeira queda de 0,3% frente a agosto.

As cotações médias de setembro não recuaram frente a agosto e, se comparadas à média de setembro do ano passado, estão 3,8% superiores. Apesar disso, constata-se que o preço médio bruto deste mês está 5,2% abaixo da média deflacionada de setembro dos últimos seis anos e que a receita bruta do produtor acumulada neste ano está sofrendo perda significativa de 17%, em valores reais. Historicamente, o pico dos preços do leite na média nacional, deflacionados pelo IPCA, ocorre em julho. Deste mês para setembro, a queda média dos últimos seis anos é de 4,81%. Neste ano, conforme comentado, os preços seguem praticamente estáveis desde maio. Essa estabilidade não era vista desde 2002 – neste ano, em patamares bem mais baixos.

Apesar das quedas ocorridas em quatro dos sete estados analisados, a alta de 2% verificada em Minas Gerais, estado de maior produção e, portanto, maior peso no cálculo da média Brasil calculada pelo

Cepea, amorteceu o recuo, resultando na estabilidade do mercado nacional.

COMPORTAMENTOS

REGIONAIS : As bacias produtoras do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba registraram a maior variação positiva nos preços do leite frente a agosto, alta de 2,78%, ganho de um centavo por litro que elevou a média para R\$ 0,5139/litro. Situação inversa foi verificada na região nordeste do Rio Grande do Sul, onde o aumento da produção resultou em queda de 2,15%, o equivalente à perda de um centavo por litro para o produtor. O estado do Rio Grande do Sul apresenta a maior diferença entre os preços brutos mínimo e máximo: mais de 14 centavos; no mês passado, essa diferença passava de 18 centavos. Vale notar que em setembro, a média dos mínimos está três centavos e meio superior a média dos preços mínimos apurados no mês de agosto. Esse fato torna-se importante quando se observa que no Rio Grande do Sul são encontrados alguns dos menores preços (R\$ 0,3762/litro na média dos mínimos, bruto).



Mesorregiões de Goiás - GO

REGIÃO	PREÇO BRUTO ¹			PREÇO LÍQUIDO MÉDIO ²
	MÁXIMO	MÍNIMO	MÉDIO	
Centro Goiano	0,5670	0,4673	0,5201	0,4791
Sul Goiano	0,5393	0,4329	0,4999	0,4586
Média Estadual - GO	0,5500	0,4463	0,5078	0,4666



Mesorregiões da Bahia - BA

REGIÃO	PREÇO BRUTO ¹			PREÇO LÍQUIDO MÉDIO ²
	MÁXIMO	MÍNIMO	MÉDIO	
Centro Sul Baiano	0,4351	0,3373	0,4098	0,3721
Sul Baiano	0,5262	0,4576	0,4741	0,4574
Média Estadual - BA	0,4933	0,4025	0,4507	0,4128



Mesorregiões de São Paulo - SP

REGIÃO	PREÇO BRUTO ¹			PREÇO LÍQUIDO MÉDIO ²
	MÁXIMO	MÍNIMO	MÉDIO	
São José do Rio Preto	0,6372	0,4211	0,5747	0,5273
Macro Metropolitana Paulista	0,6216	0,5006	0,5746	0,5314
Vale do Paraíba Paulista	0,5368	0,4541	0,4955	0,4667
Média Estadual - SP	0,5916	0,4600	0,5460	0,5042



Mesorregiões do Rio Grande do Sul - RS

REGIÃO	PREÇO BRUTO ¹			PREÇO LÍQUIDO MÉDIO ²
	MÁXIMO	MÍNIMO	MÉDIO	
Noroeste	0,5303	0,3801	0,4600	0,3870
Nordeste	0,5200	0,3500	0,4550	0,4045
Metropolitana Porto Alegre	0,5057	0,3979	0,4706	0,4395
Média Estadual - RS	0,5184	0,3762	0,4559	0,3947

¹Valor Bruto; Inclui frete e INSS

²Valor Líquido; Livre de frete e INSS

Por Leandro A. Ponchio e
Raquel Mortari Gimenes
Equipe Leite Cepea - Esalq/USP
E-mail: leitecepea@esalq.usp.br



CAPTAÇÃO:

CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO PERDE FÔLEGO

Em setembro, o Índice de Captação de Leite do Cepea (ICAP-L/Cepea) referente ao produto captado em agosto registrou aumento de 2,5% em relação ao volume de julho deste ano. A elevação do índice foi favorecida pelo aumento da produção em todos os estados da amostra. No Rio Grande do Sul, a estimativa é que a produção tenha expandido 5,35%, em São Paulo, 2,49%, no Paraná, o aumento foi de 1,93%, em Goiás, de 1,13%, a ampliação em Minas Gerais foi de 1,09% e, na Bahia, de 3,57%. Dessa forma, o volume de leite produzido no Brasil de janeiro a agosto está 2,36%

superior ao do mesmo período de 2005. Vale lembrar que o volume acumulado de janeiro a maio deste ano foi 3,64% superior ao mesmo período do ano passado, o que mostra uma desaceleração do crescimento nos últimos meses. A diminuição do ritmo de crescimento da produção é atribuída às quedas significativas ocorridas entre junho e agosto de 2006 frente ao mesmo período de 2005. Em valores absolutos, nota-se que o crescimento da produção de maio (final de entressafra) a agosto em 2005 foi de 14,75%, enquanto que neste ano é de 8,82%.

USO DA CAPACIDADE INDUSTRIAL

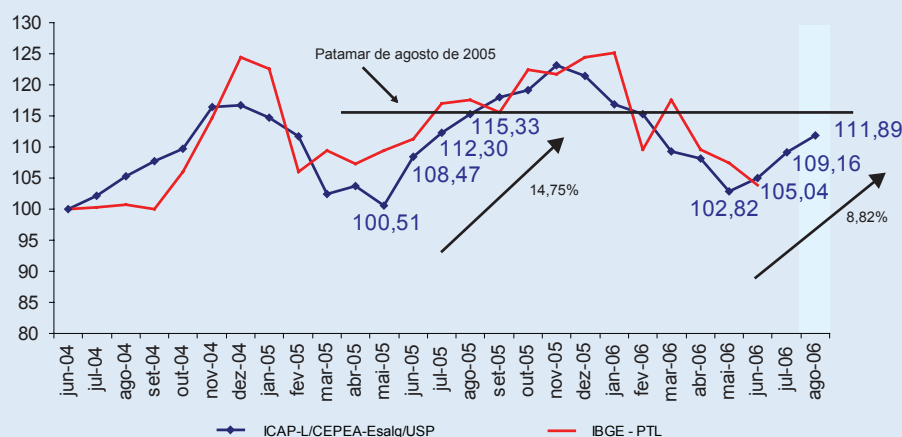
O principal efeito da desaceleração no volume captado é o aumento da ociosidade dos laticínios e cooperativas. Estimativas do Cepea apontam para uma utilização de 69% da capacidade industrial instalada em agosto, ou seja, 31% estavam ociosos. No mesmo período de 2005, a utilização da capacidade máxima instalada era de 76%. Um reflexo da baixa utilização da capacidade industrial pode ser o acirramento da disputa entre laticínios por produtores.



% utilizado da capacidade máxima diária

Fonte: CEPEA - Esalq/USP

Gráfico 1 - ICAP-L/Cepea - Índice de Captação de Leite
(Junho de 2004 = 100) - AGOSTO/06



Rotormix[®]
Express



Ração Total na medida certa
para o gado leiteiro.

Mistura homogênea em apenas 2 minutos, disponível em 2 capacidades: 4 e 6.5 m³.



Casale
As melhores máquinas para pecuária



LEITE AJUDA A MANTER BAIXA A INFLAÇÃO

Durante a implementação do Plano Real, em meados de 1994, além das âncoras monetária (juros elevados) e cambial (regime de câmbio administrado), havia também a chamada “âncora verde”.

A âncora verde era, essencialmente, a estabilidade dos preços dos alimentos que eliminava maiores pressões sobre os índices gerais de inflação. Esse fenômeno foi possível devido à modernização do agronegócio, que resultou em enormes ganhos de produtividade ao longo da década de 1990 e permanece até hoje.

**Em dois anos,
os preços (em R\$)
recebidos pelos
exportadores caíram
quase 23%.**

O desempenho do agronegócio, com aumento de produtividade e produção, permitiu o atendimento da demanda doméstica, sem pressão de preços, e também da demanda externa, fato esse que se reflete nos consistentes aumentos das exportações do setor.

Uma análise sobre o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) mostra que a variação mensal nos preços de produtos lácteos acompanhou a tendência do conjunto dos alimentos (agronegócio) - medido também pelo mesmo índice. Em outras palavras, o setor lácteo ajudou a manter baixa a inflação.

Deve-se ressaltar que a redução dos preços é um aspecto sempre positivo quando se refere ao consumidor, mas, para o produtor, a situação é diferente. Se a diminuição dos preços pagos ao produtor ocorrer em proporção maior que aos ganhos de produtividade, o resultado pode ser perda na rentabilidade do negócio, o que, no limite, levaria ao abandono.

Para o produtor, as quedas dos preços no mercado interno podem ser compensadas pelas exportações. Esse, porém, tem sido outro problema para o agronegócio brasileiro, devido à persistente valorização do Real, como resultado da política monetária, desde 2005.

MERCADO INTERNACIONAL

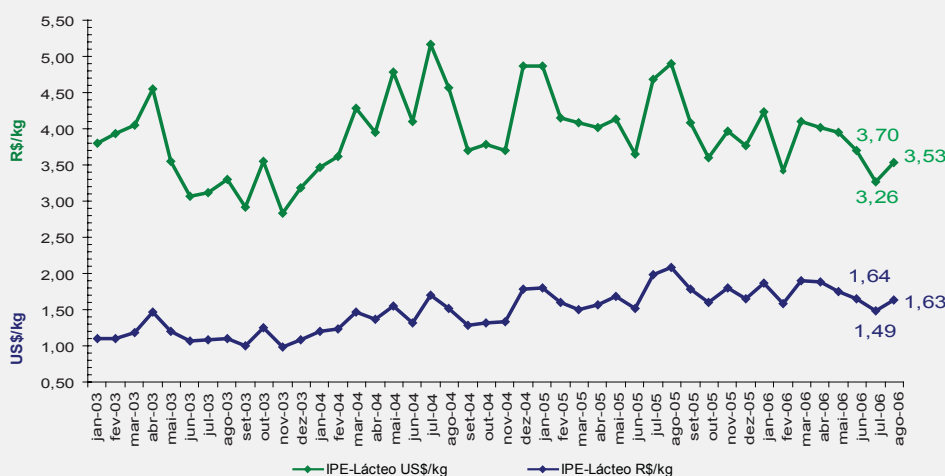
Comparando-se agosto de 2006 com agosto de 2004, observa-se uma valorização de 7,38% do preço em dólar do quilo dos produtos lácteos exportados pelo Brasil. Entretanto, quando se analisam os valores em Real, o cenário positivo se inverte, e observa-se uma queda de 22,87% nos preços recebidos pelos exportadores. Isso confirma a menor atratividade das exportações lácteas brasileiras.

Sem estímulo para exportar, as indústrias voltam suas produções para o mercado interno. Com a demanda brasileira estagnada, o aumento da disponibilidade de deri-

vados lácteos no mercado acaba reduzindo as cotações ao consumidor.

De julho a agosto deste ano, vale ressaltar, o Índice de Preços de Exportação de Lácteos calculado pelo Cepea (IPE-L) teve um aumento de 9,71% em dólar e de 8% em Real. Isso pode ser explicado pelo aumento da participação do leite em pó nas vendas brasileiras, em detrimento do leite condensado - o leite em pó custa mais que o condensado. Em julho, o leite em pó representava apenas 5% da receita total obtida e, em agosto, foi responsável por 31%; já a participação do leite condensado caiu de 69% para 51%.

Figura 1: Índice de preços exportados de leite e derivados (IPE-L/Cepea)



Fontes: Secex e Ipea; elaboração Cepea

EXPEDIENTE

Equipe Leite:

Leandro Augusto Ponchio e Raquel M. Gimenes - Pesquisadores do projeto leite; Pedro Sarmento, Jéssica Chaves Rivas, Marcelo Bahia Gama e Viviane P. Paulenas.

Equipe Macroeconômica:

Humberto Francisco Silva Spolador, Fabiana C. Fontana e Sinone F. Silva - Pesquisadores do projeto Macroeconomia.

Equipe Grãos:

Mauro Osaki - Pesquisador do Projeto Grãos; Luciano van den Broek, Ana Amélia Zinsly, Flavia Gutierrez, Eliane P. Arruda e Katia N. Sousa.

Editores Científicos:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros
Sergio De Zen

Editores Executivos:

Eng. Agr. Leandro Augusto Ponchio e
Eng. Agr. Raquel M. Gimenes

Jornalista Responsável:

Ana Paula da Silva - MTB: 27368

Diagramação Eletrônica/Arte:

Lambari design - 19 3435-7503

Tiragem: 8.000

Contato:
C. P 132 - 13400-970 Piracicaba, SP
Tel: 19 3429-8831
19 3429-8859

leitecepea@esalq.usp.br
<http://www.cepea.esalq.usp.br>

O Boletim do Leite pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/Esalq. A reprodução de conteúdos publicados por este informativo é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Boletim do Leite/Cepea e a devida data de publicação.



AValiação DO STATUS NUTRICIONAL DOS REBANHOS MONITORADOS PELA CLÍNICA DO LEITE

O principal objetivo das análises realizadas no leite é avaliar a sua qualidade do ponto de vista nutricional, microbiológico e de segurança ao consumidor. Algumas análises, como de proteína e nitrogênio ureico, podem ser utilizadas também no monitoramento do status nutricional das vacas. Com base nos resultados de proteína e de nitrogênio ureico, é possível conhecer o balanço de energia e proteína da dieta que está sendo fornecido aos animais.

De julho de 2005 a agosto de 2006, a Clínica do Leite analisou mais de 30 mil amostras de leite provenientes de tanques, para avaliar os teores de proteína e de nitrogênio ureico. As amostras foram enviadas por indústrias localizadas principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais, como mostra a Figura 1. Os dados mostram teor médio de nitrogênio ureico (NU) de 7,9 mg/dL, abaixo da faixa considerada normal, de 10 a 14. Baixos teores indicam provável deficiência de proteína na dieta destes animais, o que acaba afetando a produção de leite destes animais.

Como pode ser observado no gráfico abaixo (Figura 2), mais de 70% das amostras analisadas apresentaram um teor de NU abaixo de 10 mg/dL.

Apenas 15% das amostras apresentaram valores na faixa considerada normal (10 a 14).

Outros 10% apontaram teores acima do normal (14 mg/dL), o que é um indicativo de excesso de proteína e/ou deficiência de energia. Neste caso, o produtor pode estar tendo um maior custo de produção por oferecer mais nutriente do que o necessário, além do impacto negativo na eficiência reprodutiva como mostraram alguns estudos.

Fica evidente que na maioria dos reba-

nhos analisados, os animais estão recebendo uma dieta desbalanceada em proteína, o que impacta diretamente na produção dos animais e pode afetar a concentração de outros componentes como a proteína do leite.

Algumas indústrias que realizam essas

análises estão elaborando planos nutricionais para as fazendas, com balanceamento da dieta e correção da proteína oferecida. A informação de campo que temos é que para essas fazendas, o teor de NU passa para a faixa normal e são observados ganhos expressivos de produção.

Figura 1. Localização das indústrias atendidas pela Clínica do Leite – ESALQ/USP

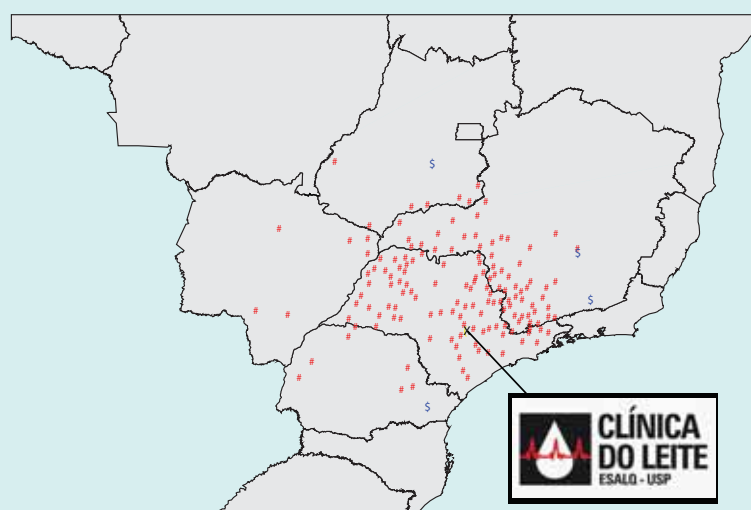
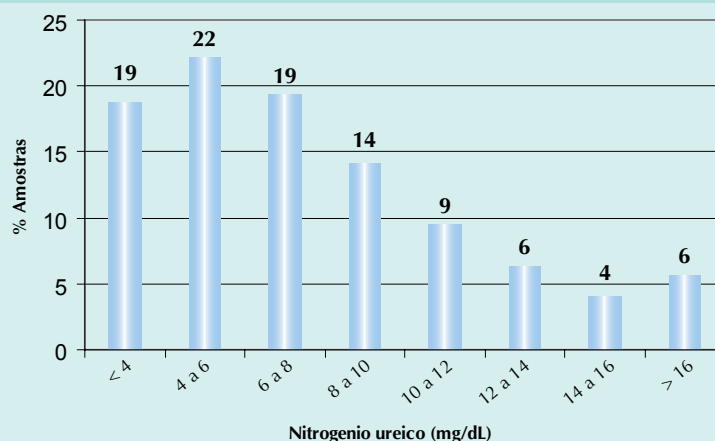


Figura 2. Distribuição das amostras em função do teor de NU



A Clínica do Leite apresenta para você o que significaram os últimos 3.650 dias de trabalho: 4 milhões de análises de leite, 300 produtores e técnicos treinados no Sistema MDA, 1.200 transportadores treinados em coleta de amostras, 400 trabalhos de pesquisa. E a maior conquista: 25.000 clientes. O maior patrimônio da Clínica do Leite continua sendo você.



MERCADOS DE MILHO E SOJA • AGOSTO/06

Por Mauro Osaki,
Equipe Grãos Cepea - Esalq/USP
E-mail: graoscepea@esalq.usp.br
e Viviane P. Paulenas,
Equipe Leite Cepea - Esalq/USP
E-mail: leitecepea@esalq.usp.br



MILHO

MELHOR PRODUTIVIDADE DEVE SUAVIZAR QUEDA DE ÁREA

O mercado de milho está em transição de safras. Para a próxima safra de verão, a área esperada deve reduzir de 1% a 3,4%, passando para 9,3 a 9,5 milhões de hectares.

Com a previsão de ocorrência do El Niño de fraca intensidade nesta primavera, a expectativa é que o clima ajude na obtenção de produtividade melhor neste ano na região Sul, ajudando a sustentar a produção, que deve totalizar entre 32 e 32,97 milhões de toneladas, pratica-

mente estável em relação à temporada anterior.

Quanto à produção mundial de milho, o USDA estima 690,78 milhões de toneladas na safra 2006/07, não muito longe das 718 milhões de toneladas produzidas em 2004/05, que significaram recorde mundial. O consumo mundial deve ter aumento de 4%.

Em resumo, não há motivos para o produtor de leite pensar em menor produção de milho para o próximo ano. Por

outro lado, deve estar atento ao aumento da demanda mundial para a produção de álcool. No Brasil, é improvável o uso de milho para fazer etanol – a cana é muito mais competitiva –, mas Estados Unidos e Argentina, importantes no mercado mundial do grão, têm produzido cada vez mais combustível a partir de milho. Com isso, o nível de preço mundial tende a se manter firme – talvez em alta –, o que poderia aumentar a procura pelo milho brasileiro.



CUSTO DA DIETA - Estado de São Paulo

QUANTO O PRODUTOR GASTA POR DIA COM ALIMENTAÇÃO À BASE DE SILAGEM DE SORGO?

Com o intuito de atender ao maior número de produtores, analisaremos diversos tipos de alimentação. Neste mês, falamos do custo diário com alimentação à base de silagem de sorgo e de capim tanzânia. Apesar de serem pouco comentadas, essas duas silagens têm grande potencial técnico e econômico.

Em setembro, o produtor com vacas de 15 litros/dia gastou R\$ 0,25/litro (ou R\$ 3,70/vaca/dia) com alimentação à base de silagem de sorgo, quase 160% a mais do que gastava em setembro de 1998. Para produtores de vacas de 30 litros diários, o custo por litro ficou em R\$ 0,18 (ou R\$ 5,35/vaca/dia).

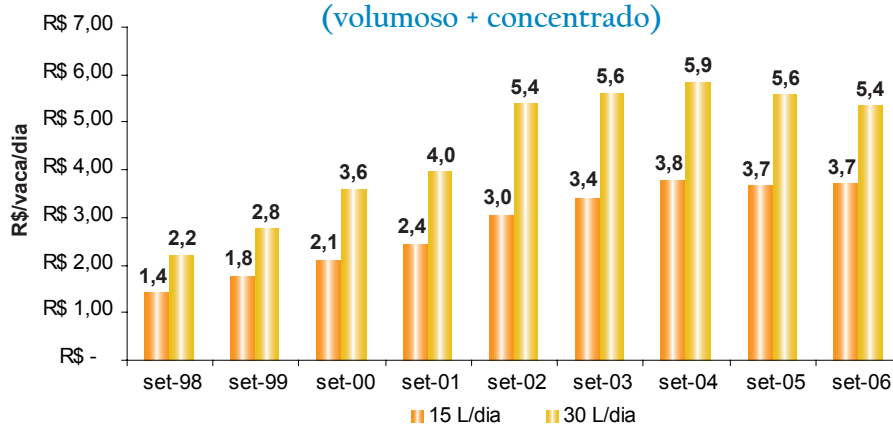
Analisando-se a média dos meses de setembro entre os anos de 1998 e 2006, o custo médio com dieta à base de silagem de sorgo para vacas de 15 litros/dia foi de R\$ 2,81/vaca/dia. Já para animais de 30 litros/dia, o dispêndio médio, no mesmo período, foi

de R\$ 4,49 por vaca/dia. Isso significa que o desembolso com alimentação de vacas de 30 litros diários é 60% maior que o necessário para vacas de 15 l/dia.

Contudo, ao dividir o custo da dieta pelo total de litros produzido, constata-se que as vacas com alta produtividade obtêm

melhor custo/benefício. Historicamente, o litro de leite produzido por vacas de 15 litros custa o equivalente a R\$ 0,19/litro – considerando apenas a alimentação à base de silagem de sorgo. Já para vacas de alta produtividade, este custo é de R\$ 0,15/litro, ou seja, 21% a menos.

Gráfico: Custos com dieta à base silagem de sorgo (volumoso + concentrado)



Fonte: CEPEA - Esalq/USP

itambé
Produtos Itambé.
Qualidade, Tradição e Confiança

SAC: 0800-703-4050 www.itambe.com.br



SOJA e FARELO de soja

PREÇOS REAGEM À MENOR OFERTA NA ENTRESSAFRA

Os preços da soja subiram em setembro, apoiados na oferta limitada do grão no período de entressafra. Algumas esmagadoras começaram a interromper suas atividades para manutenção das máquinas e aproveitaram para reajustar os contratos para a safra 2006/07. Segundo o Indicador CEPEA/ESALQ (Paraná), o aumento foi de 4,67% em setembro. Na região da Mogiana (SP), os preços reagiram 5,8%. Para o farelo, a média mensal foi de R\$ 470,45/tonelada em Campinas (SP),

aumento de 5,42% ou de R\$ 24,19/t sobre agosto. Em comparação ao mesmo período de 2005, houve queda de 9,1% – sem considerar a inflação do período. A Bolsa de Chicago (CBOT) permanece como referência para os preços domésticos – não houve grande descolamento entre as cotações internacionais e internas. O primeiro vencimento do farelo (outubro) teve alta de 3% em setembro. O prêmio de exportação do farelo, no mesmo vencimento, subiu 16%.

A produção mundial de soja em grão continua projetada em volume recorde de 221,89 milhões de toneladas, com estoques finais estimados em 52,49 milhões de toneladas. O USDA não alterou suas estimativas para as safras argentina e brasileira, esta última com início de plantio no final de setembro. A colheita da soja começou nos Estados Unidos, e a projeção de setembro foi praticamente a estimativa final da produção americana a ser colhida em 2006.



CUSTO DA DIETA - Estado de São Paulo

QUANTO O PRODUTOR GASTA POR DIA COM ALIMENTAÇÃO À BASE DE SILAGEM DE TANZÂNIA?

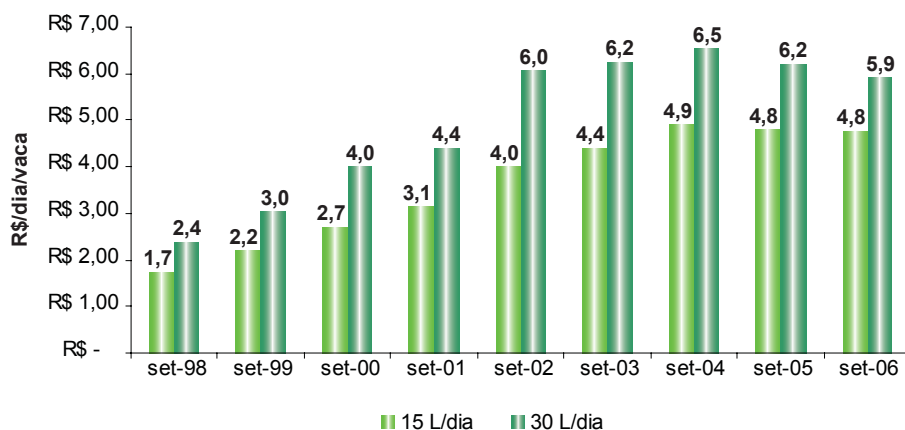
No mês de setembro, os gastos com alimentação à base de silagem de capim tanzânia para vacas de produção de 15 litros/dia foram de R\$ 4,80 por animal/dia. Já para vacas de 30 litros/dia, o gasto médio foi de R\$ 5,90. Na relação custo/benefício, o custo médio com a alimentação para vacas de 15 litros/dia foi de R\$ 0,32/litro, enquanto que, para as vacas com 30 litros/dia, ficou em R\$ 0,20/litro.

Na prática, significa dizer que produtores com vacas de alta produtividade requerem 23% a mais de capital com alimentação do que o necessário para vacas de menor produtividade. Porém, o custo por litro de leite produzido é até 38% menor para vacas de 30 litros/dia. Comparando os custos com a dieta à base de silagem de tanzânia nos meses de setembro, constata-se que registraram altas sucessivas de 1998 a 2004, quando chegara a R\$ 0,22/litro para vacas de 30 litros/dia. Já nos

últimos dois anos, vêm reduzindo. As altas eram atribuídas principalmente aos aumentos da mão-de-obra, diesel, adubos e corretivos. Esses dois últimos itens baixaram significativamente com a valorização do Real.

Comparando-se, então, os custos das dietas apresentadas, observa-se que a alimentação à base de silagem de sorgo teve maior eficiência econômica que a de tanzânia, tanto para vacas de 15 quanto de 30 litros/dia.

Gráfico: Custo com dieta à base de silagem de capim tanzânia (volumoso + concentrado)



Fonte: CEPEA - Esalq/USP

Dairy
Partners
Americas



Serviço ao
Produtor
de Leite

FIQUE ATENTO

Por Viviane P. Paulenas,
Equipe Leite Cepea - Esalq/USP
E-mail: leitecepea@esalq.usp.br



A Esalq/USP realiza, nos dias 7 e 8 de novembro, treinamento prático para ordenhadores, em Piracicaba (SP). No programa estão incluídos temas relacionados à rotina de ordenha (manejo do equipamento e das vacas), visando garantir a qualidade do leite. O curso também organizará aulas práticas. Mais informações: (19) 3429-4438 ou ct@esalq.usp.br

Estudo realizado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), do governo do Estado de São Paulo, aponta queda na produção animal em 2006. Segundo o levantamento, a área total de pastagem deverá apresentar significativa redução (-2,56%), passando para 9,83 milhões de hectares neste ano. De acordo com o IEA, mesmo com o crescimento nas áreas de pastagens naturais (+1,92%) e de capim para semente (+85,39%), a área total diminuiu em função da queda nas áreas de pastagem cultivada (-4,18%). A previsão para o número total de bovinos em São Paulo é de 13,66 milhões de cabeças, decréscimo de 2,92% em relação ao ano anterior. Também será menor o número de bovinos destinado à produção leiteira, que depois de um crescimento expressivo em 2005, diminuiu em 3,56%, devendo totalizar 1,68 milhão de cabeças. O estudo completo sobre a estimativa da produção animal para o estado de São Paulo em 2006 está disponível em www.iea.sp.gov.br (SAA/SP)

Cooperativas de produtos lácteos querem que o governo brasileiro controle a mistura de soro de leite, sacarose, amido e outros produtos no leite e em seus derivados. Segundo elas, a mistura engana o consumidor e reduz

a renda dos produtores, que também pedem mecanismos para garantir o preço, já que o valor pago pela indústria aos produtores caiu 27% desde junho do ano passado. O processo deveria ter sido enviado à SDE (Secretaria de Defesa Econômica), do Ministério da Justiça, que ouviria as indústrias e divulgaria quais delas fazem a mistura, mas isso ainda não ocorreu por um problema burocrático. O documento está parado no departamento jurídico do ministério da Agricultura, aguardando a assinatura de um convênio com o ministério da Justiça. (Folha de São Paulo)

Os altos investimentos dos laticínios em 2005, da ordem de R\$ 350 milhões, caíram pela metade neste ano, seguindo o ritmo das exportações, que também tiveram suas projeções reduzidas em 50%, diante de um câmbio que não deixa o produto brasileiro competitivo no mercado internacional. As principais bacias leiteiras do País - Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná - receberam aportes para a construção ou ampliação de unidades, que aumentaram em 30% a capacidade instalada nas plantas de leite em pó e 80% para o leite condensado. Boa parte desse incremento na produção estava destinada ao mercado externo, pois as projeções eram de uma receita cambial de US\$ 300 milhões para 2006. Nos últimos cinco anos, a taxa de crescimento médio anual das exportações de lácteos era de 24%. Para 2006, a previsão é de, no máximo, 15%. Com as projeções revistas, o setor espera apenas US\$ 150 milhões em vendas externas e amarga prejuízos e capacidade ociosa. (Gazeta Mercantil)

Impresso Especial

1.74.18.0518-7/2001-DR/SPI
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz
... **CORREIOS** ...

IMPRESSO



Uso dos Correios

C. Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP



Supra Pen e Pronto Pen.

Os antibióticos prontos para uso da Vallée.

Menos trabalho para você.
Mais saúde para seu animal.



Vallée
www.vallee.com.br